Tempestade no deserto

Congresso

Álvaro Pereira

A primeira semana do Congresso foi agitada pela escolha das lideranças partidárias na Câmara. Houve surpresas de parte a parte. Entre os partidos de oposição, o PMDB, que tem a maior representação, dividiu-se entre as candidaturas de Genebaldo Correia e Odacir Klein. Ao final, o baiano Genebaldo obteve vantagem de três votos e garantiu sua permanência por mais um ano na liderança. Ele tinha o apoio — velado, é verdade — de setores ligados ao presidente nacional do partido, Orestes Quércia, e a simpatia do líder do Governo, deputado Humberto Souto. Mesmo assim, o gaúcho Odacir quase complica um jogo que parecia decidido na véspera. Hábil, ele procurou identificar seu adversário como um candidato vinculado ao Governo, arregimentando o apoio daqueles que querem ver o PMDB numa postura mais clara de oposição. Há pelo menos dois motivos para isso: o Governo está impopular e 93, como se sabe, é um ano de eleições.

Mais surpreendente foi a interferência do Governo na escolha dos líderes do PDS e do PTB, partidos que, ao lado do PDC e do PL, articulavam a formação de um bloco independente. Juntos, eles somavam mais de 100 deputados e passariam a representar a segunda maior força política na Câmara, perdendo apenas para um outro bloco, integrado pelo PFL e PRN, de apoio automático ao Governo. O chamado “bloquinho”, no entanto, passou a ser visto com desconfiança.

Seus principais líderes estariam agindo por interesses fisiológicos, e não ideológicos. Daí a decisão de influir para que, no PDS, José Lourenço derrotasse Victor Faccioni e, no PTB, Nelson Marquezelli surgisse como uma opção renovadora a Gastone Righi, na liderança há mais de oito anos. A estratégia deu certo no caso do PTB, com a vitória de Marquezelli sobre Righi, mas falhou na votação para escolha do líder do PDS, que terminou empatada entre Lourenço e Faccioni. E agora?

Bem, agora é esperar pelas conseqüências. A interferência do Governo deve levar, de imediato, à implosão do bloco independente ou fisiológico. Não há mais o que temer nessa área. Porém, a vitória obtida agora pode deixar seqüelas. É o que admite, por exemplo, o deputado e ex-ministro Delfim Netto, do PDS. Ele chegou a comparar a estratégia do Governo à ação dos americanos na guerra contra o Iraque. “Foi uma verdadeira tempestade no deserto”, disse o deputado, para acrescentar: “Nunca a mão do poder se manifestou no Congresso de forma tão explícita como agora”.

Como se vê, ficaram ressentimentos. Ao optar por uma operação de alto risco, o Governo pode ter implodido o bloco sem atingir seu principal objetivo: obter uma sólida maioria na Câmara. Mais ou menos como os americanos no Golfo, que destruíram o Iraque sem apanhar Sadam Hussein.